

# Marcha da insensatez

» RUY MARTINS ALTENFELDER SILVA

Advogado, presidente da Academia Paulista de Letras Jurídicas (APLJ) e do Conselho Superior de Estudos Avançados (Consea/Fiesp)

No momento em que no mundo assistimos a ações políticas insensatas, achei prudente ler a historiadora norte-americana Barbara W. Tuchman, que procurou investigar as razões pelas quais os seres humanos com poder de decisão agem de forma contrária àquela apontada pela razão. O seu livro *A Marcha da Insensatez* é de leitura recomendada. Pesquisando documentos históricos, Barbara Tuchman registra um dos mais estranhos paradoxos da condição humana: a insistente procura pelos governos e seus integrantes de políticas contrárias aos seus próprios interesses.

A autora estabelece a distinção entre insensatez e outros tipos de desgoverno identificando sua característica: o ato autodestrutivo não considera a existência de uma alternativa viável e reconhecida. Os exemplos descritos são inúmeros, precisos e inexplicáveis. Ela descreve lugares, pessoas e acontecimentos de cada época — pactos decisivos no turbilhão da história: A Guerra de Tróia, demonstrando como os troianos rejeitaram as advertências explícitas, acolhendo o cavalo dentro de suas muralhas e fazendo a escolha de um rumo que os levaria ao fatal desastre.

Descreve as seis décadas de desgoverno dos papas, período que coincide com o auge da explosão da Renascença. Com esse pano de fundo, analisa a vida dos que, ignorando

os apelos e protestos por imprescindíveis reformas, romperam a união da cristandade e perderam significativo número de fiéis para a secessão protestante.

Relata a série de acontecimentos mediante os quais o Rei Jorge III da Inglaterra e seu governo, envenenaram, injusta e repetidamente o relacionamento com as colônias americanas, perdendo o controle que exerciam sobre seu Império na América. Os 30 anos de envolvimento dos Estados Unidos no Vietnã descrevendo a anatomia do processo, desde o relutante endosso de Roosevelt à norma colonial dos franceses na Indochina, passando pela chamada “teoria do domínio”, que elevou a pressão a níveis intoleráveis.

O que emerge dessa dramática e impressionante análise é a “crônica do cinismo” e da perda de confiança dos cidadãos em seu governo. O livro faz-nos olhar e refletir sobre os fatos históricos passados e se presta a revelar a causa fundamental da insensatez: a impotência da razão ante os apelos da ambição egoísta e da chamada covardia moral.

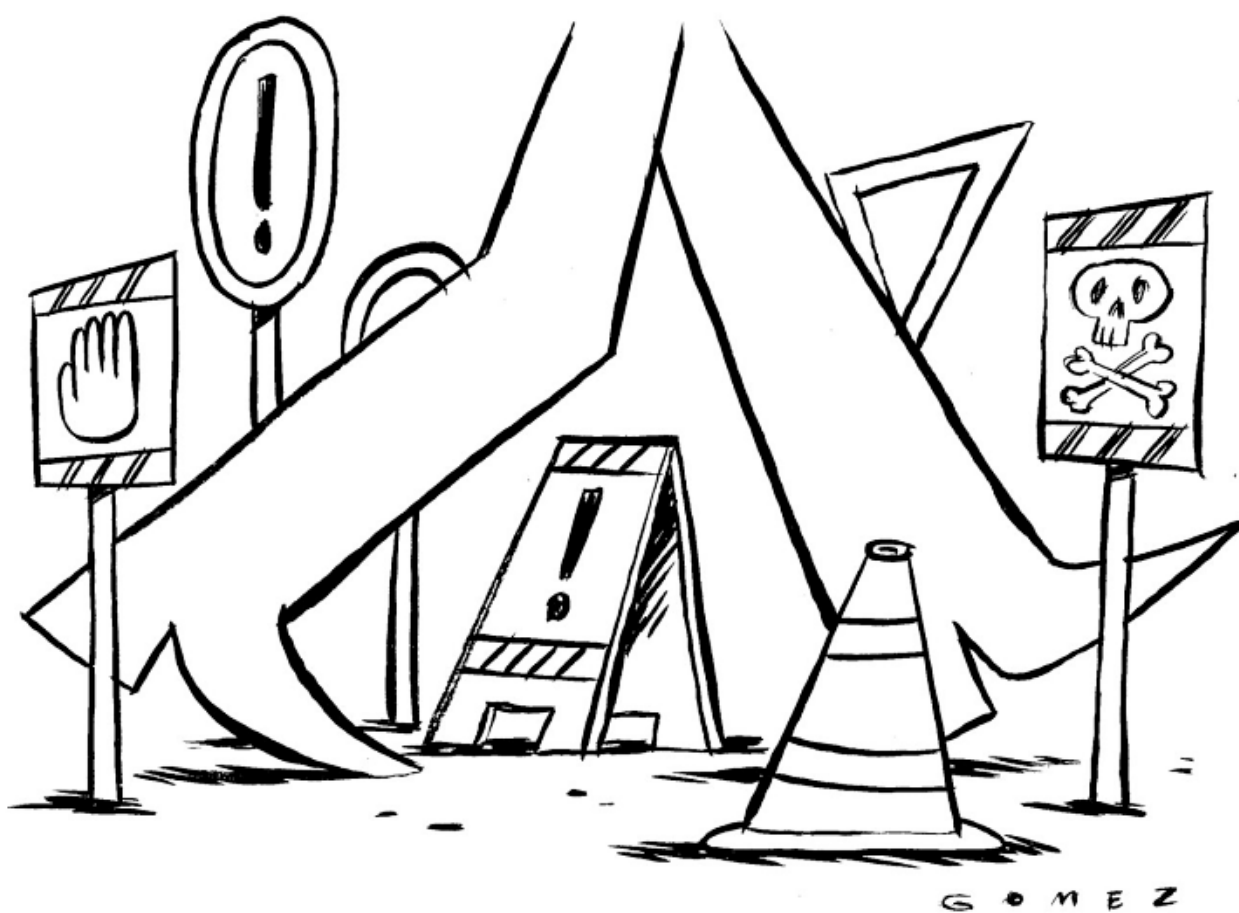
Merece uma lupa poderosa a descrição que a autora faz do governo Nixon e da Guerra do Vietnã. Dominado pelas paixões suscitadas, o caráter de Nixon e de seus colaboradores fermentou, transformando sua administração no que ela chama de ensofado que iria azedar todo o respeito existente pelo governo. A desgraça de um governante pouco sig-

nifica na história da humanidade, mas a desgraça do governo é traumática, pois os governos não podem funcionar sem respeito. *A Marcha da Insensatez* faz-nos compreender e buscar a espécie de governo no qual poderemos confiar.

Os fatos se aplicam ao mundo contemporâneo, notadamente no Brasil em que a insensatez, em geral, tem prevalecido, tornando-se um obstáculo para o nosso desenvolvimento pleno e sustentado. No Brasil, as propostas de reforma tributária precisam ser amplamente debatidas, pois impactarão nos resultados dos balanços empresariais, e nos bolsos dos contribuintes.

Relevante é a medida para privatizações, pois, como disse o ministro Paulo Guedes em entrevista à *Folha*: “É o fast track. Já tem o entendimento do Supremo de que é possível privatizar, mas precisamos de um processo mais ágil para privatizar as empresas-mãe”.

Também merece destaque a relacionada com a desvinculação do Orçamento. Como disse o ministro: “É mais um capítulo: desvinculação, desobrigação, desindexação. Descarimbar o dinheiro. Devolver os orçamentos públicos para a classe política. Hoje, o Brasil é gerido por um software. Está tudo carimbado. Já está escrito quanto será gasto com educação, saúde, com salários”. É o momento de transformarmos a marcha da insensatez em marcha da sensatez!



## Oradores inconsequentes

» OTÁVIO SANTANA DO RÉGO BARROS

General de Divisão RI

O filósofo e sacerdote jesuíta Antônio Vieira, renomado orador, preencheu magistralmente o vazio literário do Brasil no século 17 com clássicos sermões. Suas falas, dirigidas a um público hipnotizado, envolviam um perfeito português e uma justa harmonia entre as ideias. Vez por outra, emboscava os ouvintes. “Maldito seja o pai, maldito seja o filho, maldito seja o espírito.” Uma pausa inesperada, um suspiro prolongado, um olhar ardiloso. “Essas, meus irmãos, são as palavras mais proferidas nas profundezas do inferno.”

Para comunicar é preciso propósito, estratégia. Identificar o público e conquistá-lo. Convencer a convencidos não é comunicação. É fala modorrenta, irrelevante. Nos discursos para cerimônias do Exército, a autoridade define a linha mestre da mensagem, um assessor a constrói em rascunho. O texto é submetido a outras autoridades que aportam ideias, contestam as formuladas, colaboram no encaixe da mensagem ao público e ao momento.

Falas de chefes militares têm reflexos. Precisam ser ponderadas. Palavras lançadas ao vento, não voltam atrás. O discurso se apoia no fato histórico que motiva a alocação, com o cuidado de não suscitar qualquer dúvida quanto ao papel legal e institucional assumido pela autoridade, a nome da Força.

Sábado passado (14/8/21), ocorreu a cerimônia de entrega do espadim, símbolo de honra, portado por cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras (Aman). Olhar focado no futuro, impulsionado nos exemplos do patrono: o Duque de Caxias.

O comandante da Aman proferiu um elegante e, ao mesmo tempo, emocionante discurso. Assumi, diligentemente, o papel esperado de um líder devotado, a conduzir jovens, homens e mulheres, para um compromisso de vida. Perfilado abaixo da frase esculpida na parede do Pátio Marechal Mascarenhas de Moraes: “Ides comandar, aprendei a obedecer”, ele assim se expressou. Sobre o patrono: “...em tempo algum viu-se ofuscado por traços de prepotência, arrogância ou revanchismo”.

Sobre a servidão militar: “... aceitem, incondicionalmente, o encargo de construir o destino de grandeza do país e do nosso Exército, unindo-se, em definitivo, à ética por nós professada e à mentalidade homogênea que mantêm nossa Força monolítica.” Sobre dever coletivo: “... não há registro de exército vitorioso sem homens abnegados, que aceitem sorrindo subordinar suas aspirações pessoais aos interesses do grupo.”

E, ao concluir: “... num mundo que se transforma com rapidez maior do que a capacidade de adaptação às novas realidades e onde o relativismo parece haver se tornado a constante, é provável que encruzilhadas surjam em seus caminhos... não hesitem em recorrer aos nossos códigos, aos nossos valores e às nossas mais caras tradições”.

De cadete a general leva-se mais de 30 anos. Incorporam-se, na caminhada, o espírito de camaradagem e de lealdade, lado a lado com a ética e a moral, com a hierarquia e a disciplina. Enquanto cadetes, aprendem que é pecado mortal ofender a sacralidade dos

valores professados pelo Exército. Incorporam o conceito pétreo de Instituição de Estado. Sabem que a missão está cinzelada no Art. 142 da CF/88, sem nenhum outro adendo que a desconstrua.

É justo, portanto, em momentos de incertezas, trazer-vos esse tema, apontar que, há muito, a “política do Exército” derrotou a “política no Exército”. É como no poema de Brecht: “Que a suave água em movimento com o tempo vence a pedra poderosa”.

Não há possibilidade de interseção entre o suave “do” e o poderoso “no”. Quem tenta promovê-la mostra-se escravo da desilusão moral, da concupiscência. Se consome na empáfia temperada na subserviência. A condição de servir como administrador da violência em nome do Estado, por demanda exclusiva da sociedade, não cabe recurso. Transitou em julgado, requer total dedicação a quem se serve.

Depressa, a sociedade precisará assumir a responsabilidade intransferível pela construção da estrada que levará de jovens cadetes a profissionais maduros a ombrear com cidadãos não fardados na caminhada rumo ao objetivo permanente da nação: a paz e o desenvolvimento sociais. Aqueles que teimam em se posicionar contra aquela servidão, que não lancem palavras ao vento.

Vivo, o Padre Vieira curvar-se-ia ao discurso do comandante, mas olhar-vos-ia, oradores inconsequentes, com ironia e pena. “Perdoai-vos Senhor, eles não alcançam o que dizem e fazem!”

Paz e bem!

## Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // [circecunha.df@dabr.com.br](mailto:circecunha.df@dabr.com.br)

## Febre alta no planeta Terra

No mundo todo, a fúria da natureza dá mostras de que algo preocupante está a caminho. No Canadá, um país costumadamente frio, as temperaturas neste ano bateram recordes. Na região da Colúmbia Britânica, os termômetros registraram 50°C, o que provocou a destruição, por um incêndio florestal, de toda a pequena cidade de Lytton. No norte da Europa, as cheias dos rios provocaram alagamentos nunca vistos na Alemanha e Áustria. Os desastres naturais vêm se acentuando a cada estação. Todo o Hemisfério Norte experimenta neste ano recordes de calor. Na Itália, os termômetros têm marcado temperaturas acima dos 40°C em muitas regiões. Centenas de vidas foram perdidas nas enchentes, que devastaram parte da Holanda e de Luxemburgo.

Para os climatologistas, esses são os fenômenos mais intensos dos últimos séculos e ameaçam se repetir. No Japão, tsunamis gigantescos de lama, seguidos de deslizamentos de terra devastaram regiões como Shizuoka. No Iraque, as temperaturas ultrapassaram a marca dos 50°C, derretendo objetos de plásticos dos automóveis e gerando colapso no abastecimento de energia elétrica e levando muitos à morte.

Nos Estados Unidos, a tempestade Elsa continua fazendo estragos e ameaçando vidas. Também nos EUA, uma onda de calor sem precedentes vem provocando mortes na região do Pacífico e em locais, antes frios, como Seattle. Lugares como Nova York, Filadélfia e Boston estão sob forte onda de calor, afetando mais de 40 milhões de americanos. Na África, a seca e as intensas ondas de calor vêm registrando marcas também históricas. Na Índia, os efeitos de calor, seguidos de enchentes nunca vistas, demonstram que a Terra está entrando num ciclo de mudança do clima que pode afetar a todos indistintamente. Na Grécia, os incêndios, chamados de “verão do pesadelo”, vêm varrendo, há dias, sem controle pequenas cidades, nas ilhas próximas a Atenas. Uma situação que tem aterrorizado moradores e turistas.

Na realidade, não existe hoje lugar algum no planeta que não esteja experimentando condições climáticas extremas, o que só reforça o que há muito alertam os cientistas sobre o aumento dos gases de efeito estufa na atmosfera, motivados, exclusivamente, pela ação humana. Pesquisa apresentada por Benjamin Schneider e Amy Nicole Salvaggio, da Universidade de Maryland, revela que a Terra aqueceu mais de 1,2° desde o início da era industrial, sendo que as temperaturas seguirão subindo cada vez mais até alcançarem níveis de catástrofes globais, com a morte de centenas de milhões de pessoas. Segundo o painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), ligado à Organização das Nações Unidas (ONU), caso não cessem as atividades humanas que produzem o efeito estufa, o futuro será inclemente para todos e poderá abolir a vida sobre todo o planeta até mesmo antes do que se espera.

### » A frase que foi pronunciada

“Pode-se ver do espaço como a raça humana mudou a Terra. Quase todas as terras disponíveis foram desmatadas e agora são usadas para agricultura ou desenvolvimento urbano. As calotas polares estão diminuindo e as áreas desérticas estão aumentando. À noite, a Terra não está mais escura, mas grandes áreas estão iluminadas. Tudo isso é evidência de que a exploração humana do planeta está atingindo um limite crítico. Mas as demandas e expectativas humanas estão sempre aumentando. Não podemos continuar a poluir a atmosfera, envenenar o oceano e exaurir a terra. Não há mais nenhum meio disponível.”

Stephen Hawking, físico e autor

### Crescei e multiplicai-vos

» Segundo o IBGE, em 2060, se até lá o clima do planeta for controlado, a perspectiva é de 19 milhões de idosos com mais de 80 anos. Em 1980 eram 684.789 e, em 2026, provavelmente, serão 3.458.279. Interessante é que o número de crianças em 1980 era de 16.942.583, e a previsão para 2060 será de 8.935.080.

### Entorno

» Por essa não esperavam. Para a segurança dos pedestres, foram criadas passarelas aéreas, evitando atropelamentos na travessia de pistas largas e movimentadas. O problema é que, com a concentração de pedestres nessa área, o espaço virou alvo de trombadinhas que se aproveitam da falta de policiamento para furtar celulares e dinheiro.

### Mudança de clima

» Até hoje, a vestimenta em parlamento causa celeuma. Tempos atrás, Helival Rios buscava notícias sobre a repórter proibida de entrar no plenário do Senado porque vestia calças compridas. Como estava de blusão, tirou as calças e perguntou ao segurança: Agora posso entrar? Entrou. Depois que uma moça, também repórter, entrou no parlamento suíço “restringindo devidamente a capacidade de muitos nobres de se concentrarem”, a Casa alterou as regras permitindo apenas a mostra dos ombros.

### Presente para o futuro

» No *Blog do Ari Cunha*, um projeto interessante, intitulado *Reconhecer Brasília*. Trata-se de mostrar à criança a importância da preservação do patrimônio da cidade. Com música, fotos, teatro e, por meio de manifestações culturais, a meninada vai tomando o sentido do carinho por Brasília.

### » História de Brasília

*A Assessoria de Planejamento deu parecer contrário, e a Novacap mandou interditar a obra. Será construída no seu lugar, onde devia estar desde o começo: ao lado do DCT e da Central Telefônica. (Publicada em 7/2/1962)*